

SAÚDE MENTAL NA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA: ANÁLISE
DE NOTÍCIAS, ANÚNCIOS E SERVIÇOS PUBLICADOS NO JORNAL FOLHA
DO NORTE (1909-1921)

Ana Caroline de Souza Santana

Graduanda em Psicologia

Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia.

caroline8848@gmail.com

Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni

Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo

Professora Adjunta do Departamento de Ciências Biológicas

Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia.

suziavbarboni@gmail.com

Resumo:

Esse trabalho visa analisar publicações do Jornal Folha do Norte (JFN), periódico de Feira de Santana, Bahia, entre 1909-1921 sobre saúde mental. Foram consultados os exemplares microfilmados como fonte de dados disponíveis no Museu Casa do Sertão da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. Encontrou-se duas publicações entre todas as categorias estabelecidas (notícias, divulgação de serviços e publicações sobre saúde em geral). A análise dos dados mostrou que há notícias, divulgação de serviços e publicações sobre saúde em geral com enfoque curativo, no entanto sobre saúde mental apenas duas publicações. Isto porque a sociedade local desta época entendia saúde vinculada ao ideário civilizador, higienista, e que tratava a loucura com exclusão e como estigma, pensamento muito em voga no Brasil dentro do recorte temporal estudado.

Palavras-Chave: Saúde; cidade; identidade



MENTAL HEALTH IN THE CITY OF SANTANA FAIR, BAHIA: ANALYSIS
OF NEWS, ANNOUNCEMENTS AND SERVICES PUBLISHED IN THE
NORTH SHEET JOURNAL (1909-1921)

Ana Caroline de Souza Santana

Graduanda em Psicologia
Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia.
caroline8848@gmail.com

Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni

Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo
Professora Adjunta do Departamento de Ciências Biológicas
Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia.
suziavbarboni@gmail.com

Abstract:

This paper aims to analyze publications from the *Jornal Folha do Norte (JFN)*, periodical of Feira de Santana, Bahia, between 1909-1921 on mental health. The microfilmed copies were consulted as a source of data available at the Museu Casa do Sertão at the State University of Feira de Santana, Bahia. Two publications were found among all the established categories (news, dissemination of services and publications on health in general). The analysis of the data showed that there is news, dissemination of services and publications on health in general with curative focus, however on mental health only two publications. This is because the local society at that time understood health related to the civilizing, hygienist, and that it treated the madness with exclusion and as stigma, a very fashionable thought in Brazil within the studied temporal cut.

Key Words: Health, city, identity.



O presente estudo foi realizado na cidade de Feira de Santana, segunda maior cidade do Estado da Bahia, originando-se nas atividades desenvolvidas no programa de iniciação científica financiado pela Fapesb na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), estando vinculado ao projeto “Feira de Santana Real, Possível, Imaginária ou Invisível: As Imagens, o Olhar e os Discursos da Saúde Pública, do Urbanismo e da Cultura Sobre a Cidade e a Identidade “Feirense” (1900-2012)” – apoiado pelo Núcleo de Estudos da Contemporaneidade.

A principal fonte de pesquisa deste trabalho foi o Jornal Folha do Norte (JFN) criado em 17 de Setembro de 1909 (ainda em funcionamento), considerado o jornal mais antigo do Estado da Bahia e de tendência política conservadora, já que atendia muitas vezes a interesses específicos e a um grupo da população considerada como elite, mostrando ao longo dos anos as tradições da cidade como “a maior relíquia editorial e o maior feito que registra a nossa história (JORNAL FOLHA DO NORTE, 2019). Nesse sentido, utilizar o JFN como fonte de pesquisa é resgatar a história da cidade através de uma fonte jornalística contribuindo para a construção e análise de identidades, mas ciente de sua linha tradicional e conservadora.

Assim, objetivou-se nesse trabalho relatar e analisar notícias do JFN que fizessem referência às condições de saúde mental na cidade de Feira de Santana, Bahia, e à concepção de loucura dentro do recorte 1909-1921.

A loucura sempre foi estigmatizada na sociedade ocidental, ligada à manicômios, estruturas explicadas como necessárias por manter a ordem, a disciplina e a higiene. Foucault (1978) alude sobre este papel em seu livro “História da Loucura na Idade Clássica” ao relatar que muitas pessoas consideradas loucas eram aprisionadas em espaços tidos como protetores da sociedade frente às ameaças dos loucos, retirando-os da convivência nos espaços urbanos. Este pensamento tornou-se hegemônico e assim,

Paradoxalmente instituições justificavam suas práticas com o argumento da necessária limpeza social, livrando a sociedade de sujeitos considerados como parte de uma categoria social de desprezíveis e desajustados cujos comportamentos eram indesejáveis. As instituições manicomiais, portanto, exerciam a função social de disciplinar corpos e comportamentos. Era uma tecnologia de poder que visava a atender aos padrões de civilidade produzidos na modernidade (DELEVATI, FIGUEIREDO, TAVARES, 2014).

Nesse sentido, um dos objetivos era a higienização social/mental e a modificação dos comportamentos para que fossem adequados socialmente. Foram criados vários decretos e leis como forma de guiar as condutas médicas no que tange a loucura, com consequências desastrosas como superlotação, isolamento dos pacientes, alto índice de mortalidade entre outros, o que perdurou até 1980 (DELEVATI, FIGUEIREDO, TAVARES, 2014; GOULART, 2006).

Atualmente, Feira de Santana, de acordo com as estimativas do IBGE, possui uma população estimada em 622.639 habitantes. Seu surgimento possui ligação com as suas características geográficas, pois está fixa em uma zona intermediária entre o litoral úmido e o interior semiárido, no Nordeste. Dessa forma, por possuir uma localização atrativa, um roteiro de repouso e por suas características geográficas houve a fixação humana a partir do século XVIII, ocorrendo em uma fazenda chamada “Sant’Anna dos Olhos d’Água”, cujos donos eram denominados de Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandão (PEDREIRA, 1983).

Os donos da fazenda, católicos, construíram uma capela que se tornou referência de parada para viajantes e vaqueiros que chegavam à região e também pelo fato da abundância de água para o gado. Com o tempo, várias pessoas se fixaram na região e desenvolveram o comércio paralelo a outros produtos. Após um século, passou de aldeia para o ponto que abrigava a mais importante feira da Bahia, que era a base da economia. A ocupação do território foi de forma desordenada e o crescimento da cidade aconteceu de forma “espontânea”, sem acompanhamento da infraestrutura urbana (SANTO, 2003).

Após anos, devido a essas questões do passado que influenciam o presente (como o desenvolvimento desordenado, feira livre, os processos históricos, o ideário urbano e desenvolvimentista, a industrialização, a exposição do discurso moderno atrelado e aprovado pela saúde pública), desenvolveu-se tentativas da reestruturação do espaço urbano, influenciadas pelas elites que se sentiam em desvantagem com a feira livre.

Nesse sentido, os ideais da saúde pública foram de suma importância e um dos vários elementos para: o desenvolvimento urbano; a organização do espaço; a modernização; a multiplicidade da cidade; os vários olhares e discursos; a sua identidade; os estilos de vida das pessoas; analisar



aspectos orgânicos, sem perder de vista o ambiente – um desenvolvimento desde a saga dos vaqueiros até ao advento dos carros, avenidas e do movimento comercial do presente (CHALHOUB, 1996).

Sabe-se que a saúde é um dos elementos importantes no processo de construção de uma sociedade, de uma cidade, do seu espaço e reflete no seu processo de desenvolvimento e urbanização, além das interações sociais, na própria dinâmica social.

A saúde influenciou vários processos históricos e intervenções, com uma forte ligação com diversos movimentos tanto políticos como socioculturais. Dessa forma, a saúde acompanhou ao longo dos anos as tendências vigentes na sociedade se sistematizando de acordo com a época (BORGES, 2002). Um exemplo disso foi o que ocorreu no Brasil durante o século XX, no qual se iniciaram lutas por uma política nacional de saúde, com a organização de práticas sanitárias, a partir de um contexto social e político do país, do capitalismo, que culminou com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) (NUNES, 2000).

Na perspectiva do SUS, a saúde é um direito social, que conforme os movimentos políticos e sociais vem se consolidando e desenvolvendo tonando-se imprescindível por levar em conta a necessidade de compreensão da vida comunitária, os hábitos, as interações sociais, diversos modos de vida no território, criando assim as formas de promoção e proteção à saúde (VASCONCELLOS, 2000).

A saúde, portanto, está vinculada aos aspectos históricos do povo, de uma cidade e seu desenvolvimento, as relações de poder, as concepções do passado e presente, o progresso do saneamento, assim, como as experiências dos sujeitos no território, que são testemunhos indicadores de indispensáveis análises políticas, sanitárias e sociais.

Sobre saúde mental no Brasil, o surgimento de movimentos humanistas ganham força na década de 1970 quando surge a Reforma Psiquiátrica, por parte do Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM) derivada de queixas realizadas em combate aos atos violentos em asilos e as condições horrendas das instituições psiquiátricas (ZAMBENEDETTI; SILVA, 2008).

Com todos os avanços conquistados, até hoje ainda persiste o estigma em relação às doenças mentais marcadas pelo “internamento, isolamento, normatização, diagnóstico, e a exclusividade do saber-poder do médico” as quais são “os principais alvos de críticas à psiquiatria moderna” (FIGUEIRÊDO; DELEVATI; TAVARES, 2014).

As orientações e recomendações da reforma psiquiátrica foram se desenvolvendo aos poucos no Brasil na esfera do governo, assumindo um tratamento externamente aos hospitais (com internações se houvesse a necessidade, no entanto com um período limitado), colaborando com um tratamento humanizado, psicossocial, com a restituição familiar e o impulso de pesquisar área da Saúde Mental integrada a outras áreas (VASCONCELLOS, 2008).

Estes movimentos e reivindicações na esfera da saúde mental foram um grande passo para o estímulo e inclusão de outros profissionais nos hospitais psiquiátricos, ou seja, o trabalho multidisciplinar. Dentre estes profissionais, a inserção dos psicólogos foi um ponto indispensável na saúde pública, além do desenvolvimento do modelo psicossocial que aos poucos começa a ganhar força. Surge então o modelo de prevenção que na prática não foi tão eficiente (ZAMBENEDETTI; SILVA, 2008) porque ainda há resíduos do modelo biomédico com enfoque curativo de doenças como consequência da história das práticas exercidas no seu passado com a hegemonia de uma cultura medicalizante, não humanizada, sem inclusão e que desvaloriza a produção social da saúde mental (MORAIS, 2012).

É nessa arena de tensões, de avanços e retrocessos, de preconceitos e estigmas que a saúde mental – objeto deste artigo – está inserida, buscando entender as representações da loucura nos contextos histórico e cultural do início do século XX em Feira de Santana e que o JFN compartilhava com seus leitores.

Caminho para entender a questão da saúde mental no JFN

Esta pesquisa possui caráter qualitativo, preocupando-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, direcionando para sua compreensão e dinâmica das relações sociais e convergindo para um espaço mais profundo das relações (GERHARDT, SIVEIRA, 2009).

O eixo de pesquisa é de cunho exploratório, com o emprego de investigação e verificação de documentos. Segundo Gerhardt e Siveira (2009), esse tipo de pesquisa visa uma maior familiaridade com o problema, objetivando torná-lo evidente. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica e análise de fontes documentais, são bases de sustentação para esse tipo de estudo (GIL, 2007).

Nessa acepção, busca-se descobrir concepções e focos distintos, auxiliando o modo particular de pensar do explorador, além de ajustar a natureza pessoal “uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa” (GOLDENBERG, 1997).

A pesquisa está classificada como documental, já que nessa categoria estão materiais como jornais, folhetins, arquivos de órgãos públicos entre outros. De acordo com Gil (2007) a pesquisa documental pode ser considerada como um tipo de pesquisa bibliográfica. Pesquisas realizadas com material documental são consideradas uma fonte valiosa de dados já que o material permanece com o tempo, tornando-se um estudo de caráter histórico.

A principal fonte de pesquisa é o Jornal Folha do Norte (exemplares microfilmados e disponíveis no Museu Casa do Sertão, UEFS), publicados no período de 1909-1921, ou seja, os seus treze anos editoriais iniciais. As publicações foram categorizadas em notícias, divulgação de serviços e difusões sobre saúde em geral e sobre saúde mental ou a ela relacionados. Todas as publicações dentro destas categorias foram fotografadas para análise.

Revelando a saúde mental em Feira de Santana 1909-1921 pelas páginas do JFN

De agosto de 2017 a julho de 2018 foram feitas diversas buscas nos arquivos microfilmados do JFN disponíveis no Museu Casa do Sertão. O JFN, nessa época, era publicado uma vez por semana e em suas publicações eram recorrentes notícias sobre saúde com enfoque curativo e biologicista, do qual era necessário tratar a doença. Essas notícias ajudam a revelar o perfil de leitor, a cultura, a sociedade da época e consequentemente auxiliando a compreensão da conjuntura atual da cidade.

Dentro do recorte temporal estudado (1909-1921), encontrou-se apenas duas publicações dentro do tema “saúde mental”: “Elisa - A Doida” e “Semi-loucos e semi-responsáveis: semi-loucura – suas causas – sua hygiene (Dr. Max Lejeune)”. Fora estas, havia notícias de temas gerais locais, publicações oficiais, atas das sessões da Câmara Municipal, notas diversas da vida comum, avisos e convites para os habitantes da cidade, lembretes, composições poéticas, homenagens à personalidades, amigos, ou autoridades políticas e religiosas.

Notou-se que haviam muitas publicações sobre suicídio, farmácias e medicamentos, (ex.: emulsão de Scott, xarope de limão, remédios como Bromil dito milagroso, a pomada Boro Boracica, medicamentos para a saúde da mulher que curava as “moléstias do útero”), informações sobre clínicas como a médico cirúrgica e a dentária, Águas Minerais de São Lourenço utilizadas para doenças do estômago. Também havia notícias sobre “moléstias capilares” e milagrosos elixires como o “Elixir de Nogueira” (Figuras 1, 2, 3 e 4).



Figura 1 – Imagem do Jornal Folha do Norte ilustrando propaganda de medicamentos “A Saúde da Mulher, Bromil, Boro Boracica” (1909-1921).



Figura 2 - Imagem de publicidade no Jornal Folha do Norte sobre “CLÍNICA MÉDICO CIRURGICA” (1909-1921)

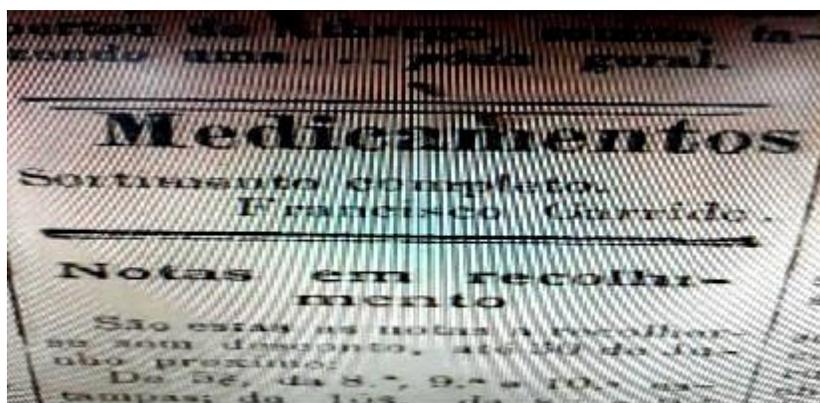


Figura 3 - Imagem de publicidade no Jornal Folha do Norte sobre “Medicamentos” (1909-1921)



Figura 4 - Imagem de publicidade no Jornal Folha do Norte sobre “AS AGUAS DE S. LOURENÇO: Muito leve e saborosa, basta o uso desta AGUA para evitar e curar infecções intestinaes” (1909-1921).

Outras publicações notáveis foram a do “Sabão Aristolino”, usado para “espinhas, caspas, assaduras, eczemas” entre outros; as “pílulas rosaceas” usada para várias doenças como enxaqueca, para emagrecimento e para beleza, justificando pelo fato dos “médicos do Brasil que aprovam as pílulas, o grande tônico para o sangue e nervos”.

Foram encontradas publicações sobre intelectuais e artistas da época que publicavam colunas, artigos, poesias e crônicas, contribuindo para o imaginário de modernidade, e que dessa forma, exerciam influência nos padrões comportamentais da época (OLIVEIRA, 2008; SANTOS, 2008). Em estudos anteriores envolvendo este mesmo recorte temporal, Silva e Barboni (2014) e

Barboni e Barboni (2017) destacam o silenciamento e a inexistência de notícias de algumas categorias artísticas, em especial, a dança.

No tocante a esta pesquisa sobre saúde mental, raras são as notícias sobre este tema. Entretanto, destacam-se a publicação do JFN do dia 29/10/1909, página 26, intitulada: “Elisa - A Doida”, como mencionada anteriormente. Essa publicação, que pode ser classificada como reportagem, retrata uma mulher sem idade definida que ficava vagando pela cidade de Feira de Santana, chamando atenção da imprensa local. Na reportagem o JFN alerta as autoridades para “esse vergonhoso fato que constitui como um atentado ao pudor das famílias”, já que Elisa se mostra “escandalosa” e se utiliza de palavras “atrevidas”. Na reportagem (não assinada) observa-se uma certa indignação já que as autoridades “não fazem nada” em relação ao comportamento de Elisa que não é civilizado, estando no contexto do “drama do progresso” (HOBSBAWN, 2004). Segundo o JFN nenhuma medida “está sendo tomada pelas autoridades” (Figuras 5 e 6).

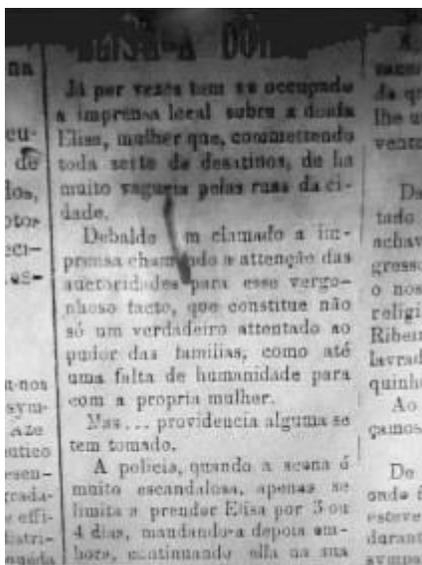


Figura 5 – Recorte do Jornal Folha do Norte (29/10/1909) com notícia intitulada “ELISA - A DOIDA”.



Figura 6 - Recorte do Jornal Folha do Norte (29/10/1909) com notícia intitulada “ELISA - A DOIDA” (Continuação).

Através da publicação “Elisa - A Doida”, percebe-se o ideal de civilização que a sociedade da época pregava com a loucura estigmatizada pelo abandono do louco pela família e pelo poder público; o medo de suas ações agressivas e atrevidas; e, como mulher, pobre e louca estava despejada nas ruas. E por “estigma” entende-se nesse caso como uma censura de uma fonte jornalística de comportamentos que socialmente estão inadequados diante das regras sociais e políticas da época que estão estabelecidas (SOUSA, 2017).

Elisa é a representação deste “despejo” deste abandono, da vadiagem, do estranho, do incômodo, do perigo do louco, da vergonha para cidade civilizada sem direito de viver em paz. Na cidade, não havia espaços sociais nem para o louco nem para discussões sobre a saúde mental, ou seja, não era um tema de relevância para as elites, apesar dos loucos sempre existirem em todos os tempos e classes sociais. Nesse sentido, para o JFN, Elisa era doida – e sem problematizar a sua condição de doente, era vista como um caso de polícia e da higiene pública – e seu poder de polícia da ordem e da legalidade - uma vez que transformações políticas e sociais na cidade com

a modernização urbana idealizada pela elite, não havia espaço para o doido, e nem se sentia responsável pela loucura.

O JFN retrata Elisa vagando pelas ruas, praticante de agressões, malcriada e talvez mais bêbada que louca. À época, saúde mental dentro do ideal civilizatório estava direcionado para aspectos orgânicos/biológicos/médicos que poderiam ser solucionados com intervenção policial. Para manutenção de uma “ordem social” que não seja perturbada pela mulher louca solta nas ruas, transitando livremente, molestando pessoas vítimas - que telegrafaram ao Chefe de Polícia - o JFN é porta-voz. Este chega a citar a falta de humanidade com Elisa (alvo da “piedade” ou da “caridade” - como a saúde era tratada na época), perigosa para si e terceiros, porém não a identifica como cidadã, nem denuncia seu abandono pelos familiares, não busca a identidade daquela mulher: Elisa é “doida”, e como tal é escorraçada, indesejada pela cidade e o JFN denuncia este horror vergonhoso para a cidade e pede providências em tom autoritário, como voz mais próxima dos seus leitores.

Elisa, agitada em seu delírio e modos extravagantes, metaforicamente confronta o JFN e sua super valorização da razão, e o que passa do limiar da razão é considerado inadequado e, portanto, inapropriado, causando a segregação e estigmas. Talvez a história de Elisa e a origem de sua loucura tenha densidade mas é importante destacar que, fora esta notícia aqui citada, nos números do JFN que se seguem não há relatos do que foi feito sobre ela, desaparecendo esta mulher para sempre da história da cidade: o apagamento do sujeito.

Outra publicação datada em 01/10/1909, página 10 do JFN: “Semi-loucos e Semi-responsáveis”, assinada por um tal Dr. Max Lejeune, desconhecido (Figura 7). Trata-se de uma matéria de conteúdo opinativo e reflexivo sobre o que é a semi-loucura e se existem verdadeiramente os “semi-loucos”, sem grande profundidade, mesmo para a Medicina da época. Possivelmente o texto foi fruto de compartilhamento de outra fonte desconhecida.

Como já sinalizado, no JFN há poucas referências sobre a saúde mental e quando aparece notícia sobre o tema é de tal forma discriminatória e com caráter higienista, que salta aos olhos. Isto, se deve ao fato de que uma vez que o discurso médico-higiênico determinou o processo de transformação política e econômica da sociedade brasileira de uma economia rural para urbano-comercial, este viés expressou o pensamento de uma parte da rica da sociedade, elite dominante obcecada pela modernização das cidades (MANSANERA, SILVA, 2000).

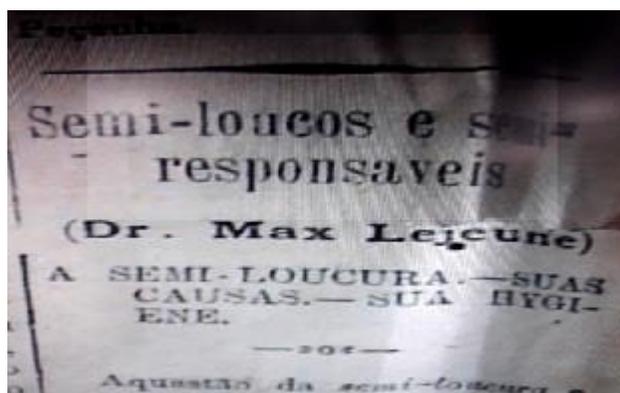


Figura 7 - Recorte do Jornal Folha do Norte (01/10/1909 - página 10) com notícia intitulada “Semi-loucos e semi-responsáveis”.

Nessa publicação, o leitor é conduzido para compreender o que é a loucura, citando como referência o professor Joseph Grasset, um neurologista francês formado em medicina em Montpellier, 1873. Grasset tinha um grande interesse sobre as doenças do sistema nervoso e publicou muitas obras referentes a psiquiatria (“Demi-fous e demi-responsáveis”, em 1907) ou textos sobre assuntos paranormais (Figura 8).

A linguagem do texto é bem diferenciada do jornalismo encontrado no JFN, no período estudado, podendo-se inferir que se trata de produção de sentidos, explicações sobre o que a medicina com toda sua bagagem científica abordava sobre loucura e questões místicas. E por que esta publicação? Seria mera “curiosidade”? Seria assombro pelo mistério em torno da vida do louco? De qualquer forma, era a “loucura como notícia”.

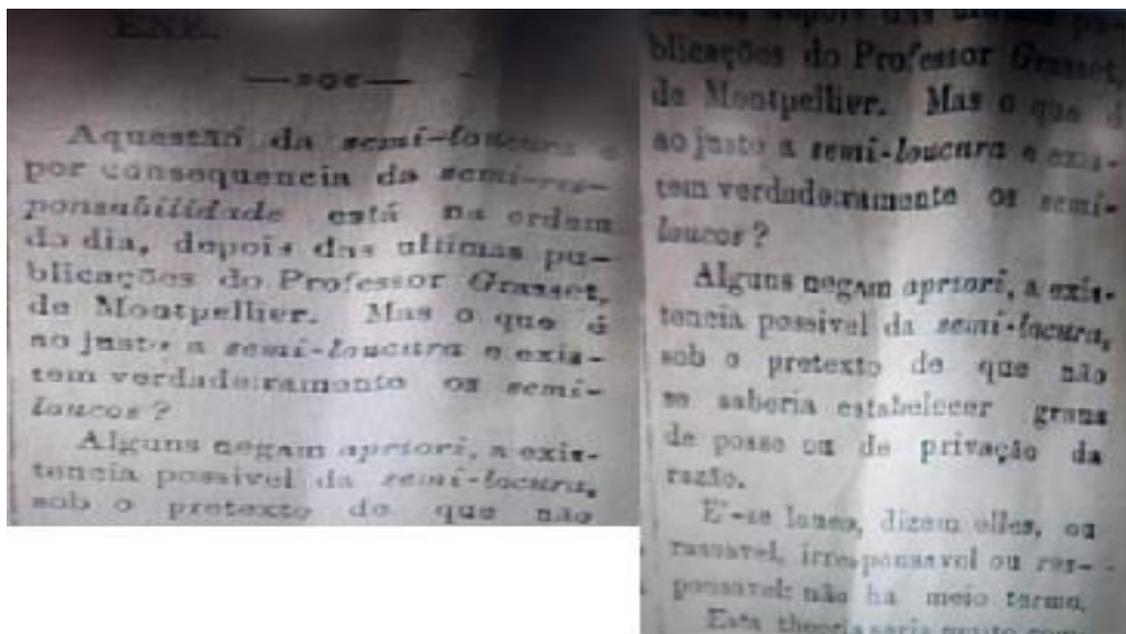


Figura 8 - Recorte do Jornal Folha do Norte (01/10/1909 - página 10) com notícia intitulada “Semi-loucos e semi-responsáveis”

Ao longo do texto, o autor retrata sobre a possível existência de uma “semi-loucura”, na qual muitos negam já que seria difícil estabelecer uma divisão sobre o que pode ser ou não a razão, dentro de duas possibilidades: ou se é louco, racional, irresponsável ou responsável, sendo assim não há meio termo.

No entanto, em seguida o autor traz a experiência e “fatos do dia” que desmentiria essa teoria e descreve que as coisas são mais complicadas do que parecem ser e exemplifica indivíduos com “tara psychicas” que fazem deles no ponto de vista moral e intelectual, doentes ou pelo menos incompletos. Relata ainda sobre onde começa tal estado mental que não faz parte do bom senso moral, mas também ainda não é considerada loucura. Nesse sentido faz uma reflexão sobre a

necessidade de se estabelecer uma escala de progressão do insensato para o mais sensato, do mais responsável para o irresponsável, além de dizer que essas questões poderiam levar a várias situações, como a “semiloucura” - categoria que abrangeria místicos ou religiosos exaltados, hipocondríacos, neuróticos entre outros.

Sabe-se que para um evento virar notícia, jornalistas e editores levam em consideração as características do acontecimento com destaque para eventos próximos aos leitores enfatizando aquilo que é interesse do público devido ao impacto para vender jornais com seus “temas quentes”. Logo, o que poderia estar interessando aos leitores do JFN saber sobre loucura e semiloucos no início do século XX?

Conclusões

A partir das duas publicações do JFN aqui analisadas (“Elisa - A Doida” e “Semi-loucos e Semi-responsáveis”), como também dos anúncios de médicos e cirurgiões-dentistas (valorização das atividades profissionais locais), medicações consideradas milagrosas, têm-se vestígios das representações sobre saúde mental - e saúde em geral - no início do século XX, em Feira de Santana, Bahia. Constata-se um grande enfoque no modelo médico-curativo, uma vez que em todas as publicações voltadas para a área da saúde verifica-se apenas o tratamento de doenças. Isso demonstra o quanto esse modelo fez parte da construção da saúde na cidade de Feira de Santana, que mesmo com tantos avanços e estudos científicos ainda hoje há uma valorização no “poder do médico” e ações curativistas.

O JFN como fonte de entendimento da dinâmica social-política-cultural de Feira de Santana não deve ser subestimado, ainda que alinhado aos ideais e representante da conservadora elite feirense, pois está ligado ao cotidiano da cidade, como observador atento da realidade de seus leitores, acompanha e reforça a tendência higienista da época com negação e silenciamento da loucura e dos transtornos mentais, tratando-os rapidamente em dois momentos (“Elisa - A Doida” e “Semi-loucos e Semi-responsáveis”).

No período estudado (1909-1921) a loucura não aparece no corpo do JFN nem é destaque em suas manchetes, não entendendo a loucura como uma produção social negligenciando suas consequências. A loucura “fabricada” pela sociedade não era aceita uma vez que a hegemonia do modelo médico impunha a necessidade de estudar e “tratar” fatos concretos, observáveis no corpo, e não mentais. Por isso, qualquer transtorno mental era visto puramente como resultado de algum fator biológico e qualquer relação com o subjetivo ou o contexto do indivíduo era descartada.

Nesse sentido, durante muitos anos os chamados “loucos” sofreram e foram excluídos da sociedade já que não poderiam conviver com a “civilização”. Avanços importantíssimos aconteceram no âmbito da saúde mental. Foram muitas lutas e conquistas ao longo dos anos, no entanto, ainda existe um estigma na sociedade do “louco”. Investigar e examinar como a concepção da loucura era visualizada na sociedade, mais especificamente em Feira de Santana, Bahia, a partir de outras fontes, é de extrema importância para entendermos suas atividades e aspectos históricos, além de compreender como o discurso da saúde refletiu no desenvolvimento da cidade e nas relações interpessoais.

Outros estudos ampliando o período de publicações do JFN poderão ajudar na compreensão do estabelecimento do ideal civilizador e higienista das elites como modelo para a gestão da saúde mental na cidade. Assim como outras pesquisas que envolvam novos recortes históricos e/ou periódicos podem apontar uma perspectiva diferenciada no âmbito da saúde para a atualidade.

Referências

BARBONI, V., BARBONI, SAV. **Significados, Identidade e Sentidos da Dança em Feira de Santana, Bahia: O Ballet Clássico em Foco na Mídia Jornalística**, 2017.

BECKER, D. **No seio da família: amamentação e promoção da saúde no Programa de Saúde da Família**. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2001. 117 p.

BORGES, C. C. **Sentidos de saúde/doença produzidos em grupo numa comunidade alvo do programa de Saúde da Família (PSF)**. Dissertação de mestrado não-publicada, Ribeirão Preto/USP.

CHALHOUB, S. **A cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FIGUEIRÊDO, M. L. de R.; DELEVATI, D. M.; TAVARES M. G. Entre Loucos e Manicômios: história da loucura e a reforma psiquiátrica no Brasil. **Ciências humanas e sociais** | Maceió | v. 2 | n.2 | p. 121-136 | Nov 2014 | periodicos.set.edu.br.

FOUCAULT, M. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. / [organizado por]. **Métodos de pesquisa**, coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOULART, M. S. B. A construção da mudança nas instituições sociais: a reforma psiquiátrica. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v.1, n.1, São João Del-Rei, jun. 2006.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

HOBBSBAWN, E. **A era do capital (1848-1875)**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Feira de Santana**. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=291080> > Acesso em: 10/01/2019.

MANSANERA, A. R.; SILVA, L. C. da. **A Influência das Ideias Higienistas no Desenvolvimento da Psicologia no Brasil**. 2000.

NORTE, Jornal Folha. Sobre. 2019. Disponível em: <http://folhadonortejornal.com.br/portal/>
Acesso em: 03/02/2019.

NUNES, E. D. Sobre a história da saúde pública: ideias e autores. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. 2000, vol.5, n.2, pp.251-264.

OLIVEIRA, A. M. C. do S. **Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano. (1950-1960)**. Recife. 2008.

PEDREIRA, P. T. Município de Feira de Santana: das origens às instalações. Salvador: **Revista Alfa Gráfica e Editora**, 1983.

SANTOS, J. **A cidade poli(multi)nucleada: a reestruturação do espaço urbano em salvador**. 2008, 405f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, UNESP, Presidente Prudente, 2008.

SANTO, M. S. O desenvolvimento urbano em Feira de Santana. **Sitientibus**. Feira de Santana, n. 28, pp. 9-20, jan/ jul. 2003. http://www2.uefs.br:8081/sitientibus/pdf/28/o_desenvolvimento_urbano.pdf

SILVA, J. S. S.; BARBONI, S. de A. V. **“Dançar na Feira”: estudo em fontes jornalísticas sobre os sentidos, a identidade dos dançarinos (1950-2000)**. X Encontro de Biologia, Feira de Santana. X ENCOBIO, 2014.

SOUSA, J. F. de. **O Estigma da Saúde Mental**. 2017. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1120.pdf>. Acessado em: 10/12/2019.

VASCONCELLOS, M. E. (Org.). **Saúde mental e Serviço Social: o desafio da subjetividade e da interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2000.

VASCONCELLOS, V. C. **A dinâmica do trabalho em saúde mental: limites e possibilidades na contemporaneidade e no contexto da reforma psiquiátrica brasileira**. 2008. Dissertação

(Mestrado). Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública/ Mestrado em Saúde Pública, 2008.

ZAMBENEDETTI, G.; SILVA, R. A. N. A noção de rede nas reformas sanitária e psiquiátrica no Brasil. **Psicologia em Revista**, v.14, n.1, Belo Horizonte, 2008, p.131-150.

Recebido em 09- 10- 2019

Revisado pelo autor 15- 04- 2020

Aprovado em 30-06- 2020

Publicado em 15-07-2020

